

ENTRE A CIÊNCIA E O ENCANTAMENTO: O BRASIL VISTO POR CIENTISTAS DO SÉCULO 19 EM TRADUÇÕES DO SÉCULO 20

BETWEEN SCIENCE AND ENCHANTMENT: BRAZIL SEEN BY 19TH CENTURY SCIENTISTS IN 20TH CENTURY TRANSLATIONS

Cristina Carneiro RODRIGUES¹

Resumo: Vários autores salientam que os relatos de naturalistas que vieram ao Brasil no século 19 eram fonte de consulta para quem quisesse interpretar o Brasil na primeira metade do século 20, pois eles teriam documentado nossa história social e política, além de oferecerem conhecimento sobre flora, fauna, geografia, geologia. Seus relatos foram esporadicamente traduzidos para o português, mas foi apenas nos anos de 1930, com o lançamento da coleção Brasileira pela Companhia Editora Nacional, que passaram a ser acessíveis a um público mais abrangente. Meu objetivo, neste trabalho, é analisar como três desses naturalistas escreveram e como foram traduzidos: Auguste de Saint-Hilaire, Henry Walter Bates Charles Frederick Hartt. Estudaram aspectos do Brasil em uma época em que a ciência não se definia por uma suposta racionalidade e neutralidade e marcaram seus textos tanto por descrições científicas quanto pela expressão de seu encantamento com a natureza tropical. Na medida em que a linguagem da ciência e a da literatura não se separam radicalmente em sua escrita, busco as estratégias que seus tradutores empregaram para enfrentar sua tarefa.

Palavras-chave: Coleção Brasileira. Relatos de viagem. História da Tradução no Brasil. Auguste de Saint-Hilaire. Henry Walter Bates. Charles Frederick Hartt.

Abstract: Several authors point out that the travel writing of naturalists who came to Brazil in the 19th century was source of research for anyone who wanted to interpret Brazil in the first half of the 20th century, as they would have documented our social and political history, and have provided knowledge about flora, fauna, geography, geology. Their texts were sporadically translated into Portuguese, but it was only in the 1930s, with the publication of the Brasileira collection by Companhia Editora Nacional, that they became accessible to a wider public. My goal in this paper is to analyze how three of these naturalists wrote and how they were translated: Auguste de Saint-Hilaire, Henry Walter Bates and Charles Frederick Hartt. They studied aspects of Brazil at a time when science was not defined by a supposed rationality and neutrality, and included in their texts scientific descriptions and the expression of their enchantment with tropical nature. To the extent that the language of science and literature is not radically separate in their writing, I examine the strategies their translators have employed to face their task.

Key-words: Brasileira Collection. Travel writing. Translation History in Brazil, Auguste de Saint-Hilaire. Henry Walter Bates. Charles Frederick Hartt.

¹ Doutora pela UNICAMP, docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Email: cristina.rodrigues@unesp.br.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa historiográfica que busca traçar um panorama da tradução no Brasil a partir de textos não ficcionais publicados em grandes coleções lançadas na primeira metade do século 20 no Brasil, tópico pouco estudado na história da tradução no Brasil, que privilegia a tradução literária.² Seu ponto de partida é artigo de Rodrigues (2010), que buscou examinar se a tradução desse tipo de texto teria tido algum papel na construção dos saberes nacionais, se a tradução teria desempenhado algum papel no desenvolvimento científico de Brasil. Tomando como fonte o livro *História das ciências no Brasil*, organizado por Mário Ferri e Shozo Motoyama, constatou que vários pesquisadores, ao buscarem estudar essa história brasileira, contaram com traduções. Em vários ensaios são mencionados trabalhos publicados na coleção Brasileira,³ especialmente obras dos viajantes-naturalistas que estiveram no Brasil no século 19. Esse dado é compatível com informação prestada por Heloísa Pontes (1989, p. 393) que, em análise das coleções sobre assuntos brasileiros das décadas de 1930 a 1950, afirma que os relatos desses viajantes foram fonte obrigatória de consulta para quem quisesse interpretar o Brasil, naquelas décadas, pois eles teriam documentado nossa história social e política, além de oferecerem conhecimento sobre flora, fauna, costumes, geografia, geologia.

Há muitos trabalhos sobre esses viajantes, mas poucas menções às suas traduções ou mesmo às características de sua escrita. Um dos poucos trabalhos nessa linha é o de Marcus Vinicius de Freitas, que escreveu *Charles Frederick Hartt: um naturalista no império de Pedro II*. Nesse livro, Freitas trabalha o que chama de “estatuto estético” do texto do viajante Hartt. Ele usa como fonte a tradução publicada pela Brasileira – que considera “extremamente acurada” (p. 243) – para evidenciar como, no texto de Hartt, não há uma separação radical entre a linguagem da ciência e a da literatura. Haveria, em sua escrita, “o encantamento dos viajantes com as diferenças da paisagem”, mas “o componente poético” seria “mediado pela ânsia classificatória”, por um componente científico (FREITAS, 2002, p. 85). Essa análise motivou o título deste artigo, que tem como objetivo verificar como esse movimento entre a ciência e o encantamento se constrói em tradução e analisar se textos de outros viajantes-naturalistas que também vieram ao Brasil no século 19 teriam características similares. Selecionei obras de três naturalistas, Auguste de Saint-Hilaire, Henry Walter Bates e Charles Frederick Hartt, todas publicadas na coleção Brasileira, para examinar como escreveram, assim como por quem e como foram traduzidos.

O primeiro deles é o francês Auguste ou Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)⁴, que permaneceu no Brasil de 1816 a 1822 e viajou pelo Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas

² Menciono, como contraponto a essa afirmação, o n. 26, de 2019, do periódico *Tradução em Revista*, organizado por Marcia Martins e Cristina de Amorim Machado sobre a temática por elas denominada “Tradução Científica”.

³ A coleção Brasileira é subsérie de uma das mais importantes coleções do cenário nacional na primeira metade do século 20, a “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, projetada pelo intelectual e educador Fernando de Azevedo e empreendimento da Companhia Editora Nacional, dirigida por Octalles Marcondes Ferreira. A coleção foi idealizada tanto com intuito de impulsionar o conhecimento quanto de ampliar o público de leitores, mas o projeto da Brasileira envolvia especificamente a publicação de ensaios sobre o Brasil e estudos de problemas nacionais para divulgar a cultura, o pensamento brasileiro e o conhecimento científico sobre o Brasil. As obras traduzidas publicadas nessa coleção são eminentemente relatos de viajantes que percorreram o Brasil e escreveram sobre fauna, flora, história, geografia, costumes.

⁴ Nos livros publicados na França, seu nome é Auguste. No entanto, na Brasileira, prevalece a grafia Augusto. Nessa coleção, o nome Auguste é empregado em apenas três obras, duas publicadas em 1936, traduzidas por diferentes tradutores (Carlos Costa Pereira e Carlos Madeira), ambas sob a direção de

Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Província Cisplatina e Missões do Paraguai). Oito de seus títulos, em 10 volumes, foram publicados pela coleção Brasileira. Vou analisar o livro resultante de sua primeira viagem ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes* (1938), traduzido de *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* (1850) pelo historiador Clado Ribeiro de Lessa (1906-1960).⁵

O britânico Henry Walter Bates (1825-1892) chegou ao Brasil em 1848 com Alfred Russel Wallace e retornou ao seu país em 1859, depois de ter percorrido vários lugares da bacia amazônica durante os onze anos em que aqui esteve. A primeira edição de seu *The Naturalist on the River Amazons* livro foi publicada em 1863 na Inglaterra, em dois volumes,⁶ e é essa a edição que foi traduzida e anotada pelo também naturalista Prof. Dr. Candido de Mello-Leitão (1886-1948) e publicada em 1944 como *O naturalista no Rio Amazonas*.

Charles Frederick Hartt (1840-1878), canadense formado em Cornell, Estados Unidos, veio pela primeira vez ao Brasil com a Expedição Thayer liderada por Louis Agassiz em 1865, tendo ficado no país por 15 meses (1865-1866). Voltou ao Brasil em seu período de férias em 1867 e registrou essa viagem em artigo intitulado *A vacation trip in Brazil*. Em 1870 organizou a primeira expedição Morgan para o Brasil, e a segunda em 1871. Retornou em 1874, teve vários cargos oficiais no Rio de Janeiro e ficou no Brasil até morrer em 1878, de problemas decorrentes da febre amarela. Seu *Geology and Physical Geography of Brazil*, publicado em Boston em 1870, foi traduzido por Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti e como *Geologia e geografia física do Brasil* (1941). Mendonça foi educador e membro da Academia Carioca de Letras e Dolianiti, geólogo e paleontólogo, formando uma dupla pouco comum na coleção, em que se associa o trabalho de um especialista ao de um escritor.

Esses três autores viajaram pelo Brasil em uma época em que a ciência não se marcava por uma suposta racionalidade e neutralidade, nem pela especialização. Assim, não é só no trabalho de Hartt que encontramos um evidente encantamento mesclado por informações científicas. Os três autores deslumbram-se com a natureza tropical, demonstrando terem sido seduzidos pelo que encontraram.

Freitas (2002) aponta que Hartt se situa em uma época de transição entre uma visão romântica (idealista, teológica e finalista) das ciências naturais que teria marcado “a palavra e o olhar dos viajantes” (p. 37), e “o empirismo racional de um Darwin (p. 39). Em sua análise, o texto de Hartt seria mais que um diário de viagem, é uma das primeiras “realizações concretas na busca de uma escrita científica” e essa seria a importância de

Fernando de Azevedo; a terceira ocorrência de Auguste é já com a coleção Brasileira sob a direção de Américo Jacobina Lacombe, em 1964, em livro traduzido por Leonam de Azeredo Pena, que também assina outras traduções de Augusto de Saint-Hilaire. A falta de uniformidade é indício forte de que o diretor Fernando de Azevedo tinha pouco controle sobre as obras publicadas. A assistemática com que os elementos do peritexto editorial da coleção Brasileira são apresentados no período sob sua direção já havia sido notada em Rodrigues (2013), que também observa que Azevedo não marca sua presença em relação à seleção dos tradutores nem às estratégias tradutórias adotadas.

⁵ Lessa é conhecido como biógrafo do historiador Varnhagen. Traduziu livros de viajantes e publicou obra sobre vocabulário de caça.

⁶ O próprio Bates reduziu essa edição para um volume, editado em 1864 em Londres, e condensou os trechos referentes a história natural. Posteriormente, outras edições foram lançadas baseadas nessa revisão de Bates, solapando a ambiguidade de sua escrita e transformando o cientista em mais um viajante maravilhado com a beleza tropical.

sua obra (FREITAS, 2002, p. 42). Hartt estaria entre a abrangência do naturalista e a especialização – e eu diria que Saint-Hilaire e Bates também se encaminhavam para a especialização. Seus textos são relatos de viagem, mas pontuados por observações que trazem o conhecimento científico de ponta da época, até porque eram eles que o faziam. Saint-Hilaire coletou espécies da flora e as descreveu, passando a ser conhecido como botânico; Bates, hoje conhecido como entomologista, veio para o Brasil com Alfred Russel Wallace com o objetivo de estudar o problema da origem das espécies e contribuiu com a teoria da evolução pela seleção natural por suas conclusões a respeito do mimetismo;⁷ Hartt fundou a geologia brasileira e em seu livro, de acordo com Freitas (2002), há disposição analítica, mais que meras descrições.

Essas características determinaram minha escolha por eles. O fato de terem passado muito tempo no Brasil também contribuiu. Além disso, todos demonstram atração pelo mundo novo que encontraram. Um mundo diferente do que conheciam e que se mostrou favorável para o desenvolvimento de suas pesquisas.

O encantamento é comum a todos. O seguinte trecho é exemplar em Saint-Hilaire:

Si as florestas virgens servem de asylo a alguns animais perigosos, taes como as serpentes, são, por outro lado, o abrigo de um numero consideravel de espécies completamente inoffensivas: veados, antas, cutias, várias espécies de macacos, etc. [...] Milhares de pássaros, cuja plumagem difere tanto quanto os habitos, fazem ouvir um gorgoeado confuso; os batrachios misturam seus coaxados variados e bizarros, e as cigarras seus trinados agudos e monotonos. (Saint-Hilaire, 1938, p.32)

Bates e Hartt, demonstram seu encantamento em seus textos, mas também o registram em suas ilustrações. Os desenhos de Bates envolvem insetos, sua especialidade, mamíferos, aves, espécimes da flora local, além de situações inusitadas por ele presenciadas, como um tamanduá estripando um cão.

Em *Geologia e geografia física do Brasil*, as figuras retratam paisagens (como a cascatinha da Tijuca, a serra dos Órgãos), cortes de terreno, diagramas de estruturas geológicas, veios auríferos e mapas. O encantamento com a natureza que observa é evidente, mas o aspecto científico é também registrado. Mas não são essas as ilustrações apresentadas em Freitas (2002, p. 128), quando o autor menciona a atração de Hartt pelo exótico. Em seu livro há 28 figuras, reproduzidas em papel couché de maior gramatura que o papel offset 90 g. com que o miolo é impresso. São desenhos posteriores, painéis feitos para conferências públicas que proferia pelos Estados Unidos para angariar fundos para suas viagens ao Brasil. Eles retratam paisagens, animais (capivara, insetos), plantas (caju, mandioca) e contemplam cerâmicas marajoaras, além de mapas por ele esboçados. Freitas (2002, p. 114) informa serem reproduções de “painéis enormes” arquivados na biblioteca de Cornell, mas mal acondicionados.

Após essa introdução, em que já se evidencia a ambiguidade dos enfoques autorais, passo aos seus textos e ao seu enfrentamento pelos tradutores, sempre obedecendo a ordem cronológica de suas viagens, ou seja, Saint-Hilaire, Bates e, por último, Hartt.

Saint-Hilaire, em sua viagem ao Rio e a Minas afirma que, quando um europeu chega à América não percebe tanta diferença entre a vegetação que encontra e a de seu país. O que o surpreenderia seria apenas a grandeza das proporções e acrescenta que, “para

⁷ Em seu prefácio à primeira edição do livro, Bates afirma ter coletado mais de 14 mil espécies da fauna da região, cerca de oito mil novas para a ciência.

conhecer toda a beleza das florestas tropicais é necessário penetrar nesses retiros tão antigos como o mundo” (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 28)⁸. Nesse sentido, o europeu leigo não encontraria grandes diferenças entre a floresta tropical (équinoxial) e o que conhece. Mas instaura-se a diferença quanto se entra nesse mundo antigo. É então que Saint-Hilaire começa a se colocar como um especialista e lança um outro olhar para a floresta:

Lá nada faz lembrar a fatigante monotonia dos nossos bosques de carvalhos e pinheiros; cada árvore ostenta, por assim dizer, um porte que lhe é próprio; cada qual tem sua folhagem, que frequentemente difere do matiz da das arvores vizinhas. Vegetais gigantescos, que pertencem às famílias mais afastadas misturam seus ramos e confundem as folhas (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 28-29)

Là rien ne rappelle la fatigante monotonie de nos bois de chênes et de sapins; chaque arbre a pour ainsi dire un port qui lui est propre; chacun a son feuillage, et souvent offre une teinte de verdure différente de celle des arbres voisins. Des végétaux gigantesques, qui appartiennent aux familles les plus éloignée, entremêlent leurs branches et confondent leur feuillage (SAINT-HILAIRE, 1850, p.11).

Sintagmas como *la fatigante monotonie, teinte de verdure différente de celle des arbres voisins, végétaux gigantesques entremêlent leurs branches*, traduzidos como “fatigante monotonia”, “folhagem que frequentemente difere do matiz da das arvores vizinhas”, “vegetais gigantescos misturam seus ramos” fazem parte de uma expressão quase romântica, na sequência, interrompida por termos científicos, mas que não escondem seu encantamento:

As *bignoneaceas* de cinco folhas crescem ao lado das *Coesalpineas*, e as flores douradas de *cassia* se espalham, ao cair, sobre os fétos arborescentes. Os ramos multidivididos dos *myrtos* e *eugenia* fazem ressaltar a simplicidade elegante das *palmaceas*, e, entre as *mimosaceas* de folíolos pequenos, a *cecropia* estende suas largas folhas e ramos que se assemelham a imensos candelabros. A maior parte das arvores se eleva perfeitamente erecta a uma altura prodigiosa; dellas algumas têm o cortex perfeitamente liso; outras são protegidas por espinhos, e os enormes troncos de uma especie de figueira selvagem se estendem como laminas obliquas que parecem sustel-os como botarcos. As flôres obscuras dos nossos carvalhos e faias são notadas apenas pelos naturalistas; mas, nas florestas da America Meridional, arvores gigantescas exibem muitas vezes as mais brilhantes corollas. As *cassia* deixam pender grandes cachos dourados; as *vochysia* ostentam thyrsos de flôres bizarras; corollas, ora amarellas ora purpurinas mais compridas que as nossas digitalis, cobrem com profusão as *bignoneaceas* arborescentes, e *chorisias* se engalanam de flôres semelhantes aos nosos lyrios pela forma e tamanho, lembrando ao mesmo tempo a *astroemeria* pela mistura das cores. (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 29)

Essa tradução de Lessa é uma elegante transformação de:

Les *bignonées* à cinq feuilles croissent à côté des *coesalpinia*, et les fleurs dorées des *casses* se répandent en tombait sur des fougères arborescentes. Lés rameaux mille fois divisés des *myrtes* et des *eugenia* font ressortir la simplicité élégante des *palmiers*, et, parmi les mimoses aux folioles légères, le *cecropia* étale ses larges feuilles et ses branches qui ressemblent à d'immenses

⁸ Si quelque chose le frappe, c'est uniquement la grandeur des proportions et le vert foncé des feuilles qui, sous le ciel le plus brillant, communique au paysage un aspect grave et austère. Pour connaître toute la beauté des forêts équinoxiales, il faut s'enfoncer dans ces retraites aussi anciennes que le monde (SAINT-HILAIRE, 1850, p. 11).

candélabres. La plupart des arbres s'élèvent parfaitement droits à une hauteur prodigieuse; il en est qui ont une écorce entièrement lisse; quelques-uns sont défendus par des épines, et les énormes troncs d'une espèce de figuier sauvage s'étendent en lames obliques qui semblent les soutenir comme des arcs boutans. Les fleurs obscures de nos hêtres et de nos chênes ne sont guère aperçues que par les naturalistes; mais, dans les forêts de l'Amérique méridionale, des arbres gigantesques étalent souvent les plus brillantes corolles. Les *cassia* laissent pendre de longues grappes dorées; les *vochisia* redressent des thyrses de fleurs bizarres; des corolles tantôt jaunes et tantôt purpurines plus longues que celles de nos digitales, couvrent avec profusion les *bignonées* en arbres, et des *chorisia* se parent de fleurs qui ressemblent à nos lis pour la grandeur et pour la forme, comme elles rappellent l'*alstroemeria* pour le mélange de leurs couleurs. (SAINT-HILAIRE, 1850, p. 11-12)

Temos *fleurs dorées des casses se répandent* convertidas em “flores douradas de *cassia* se espalham”, *rameaux mille fois divisés des myrtes et des eugenia font ressortir la simplicité élégante des palmiers*, em “ramos multidivididos dos *myrtos* e *eugenia* fazem ressaltar a simplicidade elegante das *palmaceas*”. *Le cecropia étale ses larges feuilles et ses branches qui' ressemblent à d'immenses candélabres* converte-se em uma *cecropia* que “estende suas largas folhas e ramos que se assemelham a imensos candelabros”, *les écorces défendus par des épines*, em “árvores protegidas por espinhos”. Se *les cassia laissent pendre de longues grappes dorées* convertem-se em “as *cassia* deixam pender grandes cachos dourados”, *des chorisia se parent de fleurs* passam a se engalanar de flores.

A linguagem elegante, espelhada pelo tradutor, é entrecortada pela terminologia. Nem sempre Saint-Hilaire carrega tanto seu texto com termos científicos, mas há muitos como esse, em que o leitor não identifica exatamente seu objeto, mas que faz ideia da magnificência do descrito, especialmente pelo uso dos qualificadores. Note-se que nem autor nem tradutor facilitam a vida do leitor – não há concessões em prol da legibilidade.

O texto de Bates traz muito menos termos científicos, mas é mais pródigo em qualificadores. No parágrafo anterior ao exemplo a seguir, tematizam-se “bandos de formosas e magníficas borboletas”, mencionadas com seus nomes científicos, mas sem detalhes descritivos. Na sequência, lê-se:

Um dia travámos conhecimento com dois dos mais formosos produtos da natureza nessa região: *Helicopis cupido* e *H. endymion* (43). Um pouco além de nossa casa, uma das veredas a que já me referi, aberta entre sebes cobertas de uma profusão de trepadeiras e de flores magníficas, levava a uma clareira onde havia pitoresco jardim público, escondido num maciço de palmeiras mucajá (44). Nos troncos das árvores, nos muros e estacas havia infinidade de trepadeiras de grandes folhas cordiformes, lustrosas. Tais plantas eram o ponto de reunião dessas duas admiráveis espécies, e aí capturámos grande número de indivíduos. São de textura extremamente delicada. As asas eram cremes; as posteriores apresentavam vários apêndices caudiformes e eram revestidas, em sua face inferior, de escamas prateadas. O seu vôo é muito lento e fraco; elas buscam a face inferior das folhas, mais protegida, e em repouso fecham as asas sobre o dorso, como a expor a face inferior, brilhantemente manchada. (BATES, 1944, p.51)

Trata-se da tradução de:

One day, we made our first acquaintance with two of the most beautiful productions of nature in this department – namely, the *Helicopis Cupido* and *Endymion*. A little beyond our house, one of the narrow green lanes which I have already mentioned diverged from the Monguba avenue, and led, between enclosures overrun with a profusion of creeping plants and glorious flowers, down to a moist hollow, where there was a public well in a picturesque nook,

buried in a grove of Mucaja palm trees. On the tree trunks, walls, and palings, grew a great quantity of climbing Pothos plants, with large glossy heart-shaped leaves. These plants were the resort of these two exquisite species, and we captured a great number of specimens. They are of extremely delicate texture. The wings are cream-coloured, the hind pair have several tail-like appendages, and are spangled beneath as if with silver. Their flight is very slow and feeble; they seek the protected under-surface of the leaves, and in repose close their wings over the back, so as to expose the brilliantly spotted under-surface. (BATES, 1863, p. 22-23)

Mello-Leitão não poupa adjetivos, e *two of the most beautiful productions of nature in this department* vestem-se de “dois dos mais formosos produtos da natureza na região”, *a profusion of creeping plants and glorious flowers*, de “uma profusão de trepadeiras e de flores magníficas”. O *picturesque nook* surge como um jardim pitoresco, e *the large glossy heart-shaped leaves* surpreendem como grandes folhas “cordiformes e lustrosas”.

Ainda que não seja econômico nos adjetivos, o tradutor não parece totalmente satisfeito com as descrições e acrescenta notas, complementando a descrição de Bates e fornecendo informações adicionais a respeito da palmeira:

(43) *Helicopsis cupido* e *Helicopsis endymion* são duas pequenas borboletas da família Erycinidae, providas, nas asas posteriores, de caudas de diversos comprimentos; o centro das asas é creme ou esbranquiçado, e as margens são negras ou pardo-escuras. Em *Helicopsis endymion* há um desenho nas asas posteriores com o aspecto de uma aranha.

(44) A mucajá (*Acrocomia esclerocarpa*) é a palmeira conhecida em Pernambuco e Paraíba por macaíba, na Bahia por macaúba. No Rio de Janeiro é o côco-de-catarro, chamada também alhures macajá, macajuba, mocaúba e mocaíuva. (BATES, 1944, p. 51)

Em geral, Bates especifica cientificamente os animais que descreve e cujos hábitos analisa. O exemplo a seguir, em que encontra alguns espécimes, é precedido de uma análise dos dois grandes grupos de beija-flores, de seus habitats e tipo de alimentação – isso o diferencia de Saint-Hilaire, que não especifica de que está falando quando usa classificações específicas da botânica; no caso de Bates, o leitor sabe, portanto, do que ele está falando de beija-flores quando se refere a eles pelos termos científicos:

Quando a gente caminha pelas veredas da floresta, comumente um *Phaethornis* cruza o caminho, geralmente parando de repente, librando-se no espaço, poucos pés adiante do rosto do intruso. Na Amazonia as *Phaethorninae* são mais numerosas em indivíduos do que as *Trochilinae*. Constroem os ninhos na face interna da ponta das folhas das palmeiras. São feitos de líquenes e finas fibras vegetais, densamente entretecidos e forrados de seda dos frutos da samaúma (*Eriodendron samauma*). São longos e sacciformes. Os filhos, ao nascer, têm bico muito mais curto que os pais. As únicas espécies de *Trochilinae* que encontrei em Caripi foram o pequeno *Polytmus viridissimus*, de um verde bronzeado, *Thalurania furcata*, safira e esmeralda e o grande *Campylopterus obscurus* (222), de asas falciformes. (BATES, 1944, p.217)

A tradução de Mello-Leitão refere-se ao seguinte trecho:

In walking along the alleys of the forest, a *Phaethornis* frequently crosses one's path, often stopping suddenly and remaining poised in midair, a few feet distant from the face of the intruder. The *Phaethorninae* are certainly more numerous in the Amazons region than the *Trochilinae*. They build their nests, which are made of fine vegetable fibres and lichens; densely woven together and thickly lined with silk-cotton from the fruit of the samauma tree (*Eriodendron samauma*); and on the inner sides lined with of the tips of palm-fronds. They are long and purseshaped. The young when first hatched have very much shorter bills than their parents. The only species of *Trochilinae*

which I found at Caripi were the little brassy-green *Polytmus viridissimus*, the Sapphire and emerald (*Thalurania furcata*), and the large falcate-winged *Campylopterus obscurus*. (BATES, 1863, p.183)

Note-se que os beija-flores que *remain poised in midair*, “libram-se no espaço”, equilibram-se, ficam suspensos. Quem cruza seu caminho é um intruso, *intruder*. Os ninhos *long and purseshaped* “são longos e sacciformes”. O “pequeno *Polytmus viridissimus*” é de um “verde bronzeado” (*little brassy-green Polytmus viridissimus*), “o *Thalurania furcata*” é “safira e esmeralda” (*the Sapphire and emerald (Thalurania furcata)*) e “o grande *Campylopterus obscurus*” tem “asas falciformes” (*large falcate-winged Campylopterus obscurus*)

Temos, nesse exemplo, um outro procedimento comum em Mello-Leitão: atualização do conhecimento. A nota que ele inclui informa a classificação atual dos beija-flores. Mas há também uma complementação: eles usam também seda de teia de aranha para a confecção dos ninhos.

(222) Os três beija-flores acima citados são hoje *Agyrtrina fimbriata fimbriata*, *Thalurania furcata furcata* e *Campylopterus obscurus obscurus*. Usam muito os beija-flores, na confecção dos seus ninhos, a seda de teias de aranha, principalmente de fios de *Pholcidae* e *Theridiidae*. (BATES, 1944, p. 217)

Tanto Bates quanto Saint-Hilaire pontuam seus textos com termos científicos e abundantes qualificadores, expressos por seus tradutores com alguma exuberância. Em Hartt, por outro lado, a passagem entre o encantamento e o científico é mais abrupta. Dificilmente há mescla em um mesmo parágrafo. Vou reproduzir a seguir a primeira passagem em que o encantamento se evidencia e a sequência em que a ciência toma conta de sua escrita:

Quem se inclina sobre o parapeito que corôa o Corcovado, e olha para baixo, de uma altura de mais de 2.000 pés para o templo das palmeiras do Jardim Botânico e para a tranquila Lagoa Rodrigo de Freitas - "um outro céu" em cujas profundezas azues vagam nuvens alvas e floconosas - quem pode contemplar os imponentes picos circundantes, verdes de uma eterna primavera e ostentando as notas prateadas das Cecropías - quem pode olhar ao longe as ilhas e o mar salpicado de velas, e as vagas lambendo as longas e sinuosas praias, e depois a baía, com a cidade orlando as suas curvas varridas pelas águas, e além um oceano de montanhas, a majestosa Serra dos Órgãos erguendo, no amplo fundo da baía, no azul distante, muito acima da linha das nuvens, seus grandes minaretes vivamente recortados contra o eter purpurino, - quem pode mentalmente rememorar todas as leis geológicas e climáticas, todas as leis naturais, enfim, que determinam a beleza e a utilidade desse cenário, - quem contempla tudo isso e não sente toda a sua alma vibrar em homenagem ao Artista cujas mãos modelaram os continentes, gravaram esses contornos, espalharam sobre eles o seu manto de vegetação e povoaram-no de seres, não foi além do *abc* e da gramática da sua ciência, nem pode fazer idéa da literatura da Natureza. (HARTT, 1941, p. 34)

Essa é a tradução de:

He who can lean over the parapet that crowns the Corcovado, and look down more than 2,000 feet on the temple of palms of the Botanical Garden, and on the silent Lagôa de Freitas, — "another sky," in whose blue depths sail soft fleecy clouds, — who can gaze on the proud encircling peaks, green with an everlasting spring, and shivering with silvery reflections from the Cecropias, — who can look out over the island and sail dotted sea, and the surges creeping up on the long, curving sea-beaches, and then over the bay, with the city fringing widely its sweeping curves, the sea of hills beyond, the majestic Serra dos Órgãos heaving its great back, in the exquisite blue distance, far above the

level line of the clouds, its great minarets sharply defined against the purple ether, —and can intelligently take into consideration all the geological, climatic, and other natural laws which have determined the elements of beauty and usefulness in the scene, and not have his whole soul moved within him in homage to the Artist whose hand has moulded continents, carved out their lineaments, spread over them their mantle of vegetation, and peopled them with living forms, has not gone beyond the alphabet and grammar of his science, and has no idea of the literature of Nature. (HARTT, 1870, p. 11-12)

Temos “o templo das palmeiras do Jardim Botânico” (*the temple of palms of the Botanical Garden*), a Lagoa como “um outro céu” em cujas profundezas azues vagam nuvens alvas e floconosas” (*“another sky,” in whose blue depths sail soft fleecy clouds*), um “mar salpicado de velas” (*sail dotted sea*), “os imponentes picos circundantes” (*the proud encircling peaks*), vagas que não simplesmente movem-se, mas lambem “longas e sinuosas praias” (*the surges creeping up on the long, curving sea-beaches*). Finalmente, destaca-se “a majestosa Serra dos Órgãos erguendo, no amplo fundo da baía, no azul distante, muito acima da linha das nuvens, seus grandes minaretes vivamente recortados contra o eter purpurino” (*the majestic Serra dos Órgãos heaving its great back, in the exquisite blue distance, far above the level line of the clouds, its great minarets sharply defined against the purple ether*).

É uma descrição imponente, romântica, que finaliza com a visão teológica de que o mundo natural é expressão do criador. Deus, o “Artista” teria moldado a Natureza e o cientista teria que sentir sua alma vibrar diante da literatura dessa Natureza (*the Artist whose hand has moulded continents*).

Na sequência, Hartt nomeia as serras que circundam o Rio, e conclui com a informação de que são compostas de “gnais”,⁹ e introduz o componente científico:

No Rio de Janeiro, os gnais variam muito em textura. Apresentam em comum a ocorrência em leitos homogêneos muito espessos variando de uma espécie porfirítica extremamente grosseira, contendo grandes cristais de mica preta e cristais de feldespato róseo de algumas polegadas de comprimento, a uma bela variedade cinzento clara, compacta, de granulação uniforme. Apresenta-se às vezes nitidamente laminada, fendível, flexível, ou xistosa. As granadas aparecem muito frequentemente. O gnais pode ser aparelhado em grandes dimensões para fins de construção em todas as direções, e as espécies mais finamente granuladas são muito empregadas na pavimentação das ruas, não só do Rio como de outras cidades do litoral. (HARTT, 1941, p. 35)

Essa é a opção de Mendonça e Dolianiti para:

At Rio the gneiss varies very much in texture. As a general thing it occurs in very thick homogeneous beds, varying from an exceedingly coarse porphyritic kind containing large crystals of black mica, and crystals of pink feldspar several inches long, to a fine, even-grained, compact, light-gray variety. Sometimes it is very distinctly laminated, fissile, flaggy, or schistose. Garnets are very common in it. It is largely quarried for building purposes in all

⁹ “A Serra do Mar, bem como todas as suas dependências, inclusive as montanhas dos órgãos e de Cantagalo, são, como já se disse, são compostas de gnais” (HARTT, 1941, p. 35); *The Serra do Mar, as well as the whole range, including the Organ and Cantagallo Mountains, as has been already stated, is composed of gneiss* (HARTT, 1870, p. 12). A palavra “gneiss” é traduzida, por todo o texto, como “gneis”, tanto no singular quanto no plural. Não parece tratar-se de grafia antiga, pois encontrei referência a “gneisse” e “gnaisses” em textos em português desde 1912.

directions, and the finer-grained kinds are much used for paving, not only in the streets of Rio, but in other towns on the coast. (HARTT, 1870, p. 12-13)

Verificamos que “os gnais ocorrem ocorrência em leitos homogêneos muito espessos” (*occurs in very thick homogeneous beds*) e que “há uma espécie porfirítica extremamente grosseira, contendo grandes cristais de mica preta e cristais de feldspato róseo de algumas polegadas de comprimento (*from an exceedingly coarse porphyritic kind containing large crystals of black mica, and crystals of pink feldspar several inches long*). A descrição é científica: “há uma bela variedade cinzento clara, compacta, de granulação uniforme (*a fine, even-grained, compact, light-gray variety*) que “pode se apresentar nitidamente laminada, fendível, flexível, ou xistosa” (*laminated, fissile, flaggy, or schistose*). Ao final da análise das rochas, coloca sua utilidade, como já havia anunciado no exemplo anterior: o “gneis” é usado em construções e na pavimentação de estradas.

Esse encantamento dos autores, como se percebe nos exemplos deste artigo, se manifesta em descrições bastante próximas de textos românticos, frequentemente interrompidas por análises científicas. Uma ciência que começava a transformar-se no século 19 emerge em textos que revelam a admiração e o deslumbramento dos autores pelo que encontraram. O olhar do cientista que posteriormente passa a se presumir objetivo, claramente é, nesses escritos, subjetivo. Esses homens são tocados por seu entorno. A ciência, que supostamente descreveria e analisaria a natureza, rende-se à sua beleza, à sua singularidade. Hoje, supõe-se que um cientista se preocupe com regularidades, mas os naturalistas do século 19 também se debruçaram sobre as particularidades. Os textos desses homens da ciência levam a questionar a tão propalada ideia de que o sujeito cientista tem a obrigação de analisar seu objeto sem com ele se contaminar.

Freitas (2002, p. 202), afirma que Hartt não teria sido apenas um estrangeiro que trazia de fora seu conhecimento – “foi alguém que se deixou marcar pelo mundo a que se dirigiu”. Eu diria que o mundo que Saint-Hilaire caracterizou e classificou também imprimiu sua marca no botânico. Bates, como os demais, produziu seu conhecimento em lugares distantes da sociedade a ele contemporânea. Todos encantaram-se pelo que passaram a conhecer e, em todos, a diferença que encontraram significou abertura de horizontes, acesso a novos conhecimentos. Eles exploraram a alteridade sem reduzi-la ou estereotipá-la. Eles construíram conhecimento a partir do reconhecimento da diferença, da abertura e respeito ao outro.

Essas características não parecem ter passado despercebidas por seus tradutores da coleção Brasileira. Os exemplos das traduções das obras desses três cientistas aqui apresentados indicam que os tradutores também se abriram ao outro, ao estrangeiro, e à sua perspectiva ambígua. Não parecem ter buscado assumir a tão propalada imagem de que o tradutor deve ser um servo neutro e objetivo de um autor ou de um suposto significado estável de um texto. Pelo contrário, os tradutores parecem ter se deixado contaminar por seus autores, pela diferença que colocavam em evidência. Parece que, no ato tradutório, embarcaram nas viagens de seus autores, refigurando o movimento entre a ciência e o encantamento. Seus escritos não sugerem querer superar nem diluir barreiras, seja entre o científico e o poético, seja entre o doméstico e o estrangeiro. Não há exploração do exotismo desrespeitoso, há cuidado com a expressão do encantamento com o uso de nomes, adjetivos e verbos muitas vezes inusitados. Mas há atenção em relação ao componente científico, com a classificação da fauna e da flora, com a designação técnica do elemento geológico. Encantamento e ciência são acolhidos pelos tradutores, o estrangeiro desterritorializa-se, passa a doméstico. O pretensamente universal – a linguagem da ciência – traz a diferença. Se, em uma tradução, como afirma Sakai (2019, p. 257), o estrangeiro precisa colocar-se como doméstico, tornar-se compreensível, “o

estatuto do estrangeiro na tradução deve ser sempre ambíguo”, estranho, mas em transição para algo familiar.

Ainda que seguindo diferentes projetos tradutórios, Lessa, Mello-Leitão, Mendonça e Dolianiti acolhem a estrangeiridade e a ambiguidade. Projetos diferentes, mas similaridade em seu comprometimento. Ainda que construa um texto familiar ao leitor, Lessa não faz concessões à legibilidade, não acrescenta notas ou explicações ao seu sensível texto. Mello-Leitão, ao contrário, recheia o texto de Bates com mais de 500 notas, muitas delas interrompendo o encantamento de Bates com palavras da ciência, instaurando o jogo entre a continuidade e a descontinuidade em que tem lugar sua tradução. Mendonça e Dolianiti escrevem um texto elegante, em que contemplam encanto e ciência, talvez em função da própria associação entre um especialista e um literato. São tradutores de um passado, para presente.

1 Referências

- BATES, Henry Walter. **The Naturalist on the River Amazons**: a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator during eleven years of travel. London: John Murray, 1863. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=k2Dr_zbu00C&printsec=frontcover&dq=the+naturalist+on++the+river+amazons&hl=pt-BR&ei=QX1JTviEDpStgQeywaHXBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC4Q6AEwAQ#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 abr. 2011.
- _____. **The Naturalist on the River Amazons**. 2nd ed. London: John Murray, 1864. Disponível em: http://books.google.com/books?id=EwEMAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summy_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 abr. 2011.
- _____. **O naturalista no Rio Amazonas**. Tradução de Candido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Coleção Brasileira v. 237).
- FERRI, Mário Guimarães; MOTOYAMA, Shozo (Org.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EPU: Ed. da USP, 1979-1980. 2 v.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. **Charles Frederick Hartt**: um naturalista no império de PedroII. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- HARTT, Charles Frederick. **Geology and physical physical geography of Brazil**. Boston: Fields, Osgood, & Co, 1870. Disponível em: https://ia800304.us.archive.org/6/items/cihm_03016/cihm_03016.pdf. Acesso em: 30 set. 2019.
- _____. **Geologia e geografia física do Brasil**. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Elias Dolianiti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (coleção Brasileira v. 200).
- PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘Coleções Brasileira’ nas décadas de 30, 40 e 50. In: Sergio Miceli. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1989. p. 359-409. v. 1.

- RODRIGUES, Cristina Carneiro. O papel da tradução na pesquisa científica brasileira: primeiros movimentos. **Tradução em Revista**, v.8, p.1-13, 2010.
- _____. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v.50, p.281-300, 2011.
- _____. Coleção Brasiliana: peritexto editorial das traduções. *In: **Disciplina, Cânone**: continuidades e rupturas.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. p. 153-166.
- SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes**. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasiliana, v. 126). Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/208>. Acesso em: 20 set. 2019.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes**. Paris: Grimbert et Dorez, 1850. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k98747b/f11.item.r=cuphea.texteImage>. Acesso em: 01 set. 2017.
- SAKAI, Naoki. Tradução e a figura da fronteira: por uma apreensão da tradução como ação social. Tradução de Angélica Neri *et al.* *In: ESTEVES, Lenita (Org.). O traduzir traduzido: diálogos com a tradução.* São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 244-260. (Coleção TRADUSP). Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/401>. Acesso em: 22 set. 2019.

